

POR UMA PEDAGOGIA DA ALMA

Entrevista com Maria Cecília Almeida e Silva¹

AO LARGO: *Partindo do pressuposto de que a filosofia e a arte têm origem em um espanto diante do mundo, seria possível pensar o mesmo ponto de partida para a educação? Qual o papel da arte na educação?*

Maria Cecília: Hoje vemos a arte na educação como periférica, um adereço, uma atividade menor, um passatempo. Eu vejo a arte como feitiço que poderia transformar a educação. Feitiço que sacudisse a educação; deslocasse a educação. Feitiço que incluísse o terceiro que a lógica redutora exclui. No samba o que dá movimento é o terceiro incluído, a chamada *síncopa*. É isso e aquilo e não isso ou aquilo. Feitiço que permitisse a vivência do extraordinário na banalidade do cotidiano ordinário.

Há na relação Arte e Educação as bases da construção de uma nova arquitetura educacional verdadeiramente revolucionária. Essa nova arquitetura levaria a um novo 'eu penso'. 'Eu penso' como processo dramático de criação, invenção, paixão, gozo e liberdade, como uma unidade emergente de multiplicidades, desejo, paixão, relações interpessoais, contextuais e culturais. Ao "eu penso logo sou" cartesiano, poderíamos inventar um 'eu sou logo penso'; eu sou assim, logo penso assado. O pensamento não como uma tabula rasa, mas como emergindo de um terreno contraditório, povoado de fantasias, imaginação, mitos e cálculos.

"Não sou dono da minha própria casa" disse Freud, explicando que o consciente é a ponta de um iceberg. O resto está submerso, mas ativo. Os surrealistas entenderam muito bem isso. Saint-Exupéry em *O Pequeno Príncipe*, por tanto tempo considerado o livro de cabeceira das misses e hoje reconhecido como ótima literatura, anunciava que o essencial é invisível aos olhos. Podemos acrescentar que o essencial é inaudível aos ouvidos. O 'eu penso' então possui conteúdos conscientes e inconscientes. Somos seres racionais, mas nossa razão não consegue responder às interrogações fundamentais: Quem sou? Que sentido tem minha vida? O que é a vida? O que é a morte? A razão é limitada e ela clama, chama por transcendência, sabendo que precisa ser ultrapassada. Aí entra a arte, possibilitando a transcendência, impedindo que a razão necrose ou enlouqueça.

¹ Professora e Mestre em Educação pela PUC - Rio.

AO LARGO: *Como você define a Psicopedagogia?*

Maria Cecília: Essa unidade de multiplicidades contraditórias que desperta o pensamento é um ânimo que nos impele a pensar, criar, viver. Ânimo entendido como espírito, como alma. O ânimo precede o pensamento. A Psicopedagogia é o campo do conhecimento que tem por objeto o ser cognoscente e por objetivo fundamental facilitar a construção da autonomia do eu cognoscente, intensificando e clarificando os obstáculos que impedem que essa construção se faça. A Psicopedagogia considera o ser humano como uma unidade de complexidades, ou seja, como um ser pluridimensional, com uma dimensão racional, uma dimensão desiderativa e uma dimensão relacional – esta última implicando um aspecto contextual e um aspecto interpessoal.

A Psicopedagogia ou é transformadora ou não existe porque seria apenas uma aliada do *status quo*; ou está descolada do senso comum, ou não existe, porque estaria vinculada e comprometida com a platitudo dos clichês. A Psicopedagogia ou é revolucionária ou não existe, porque se diluiria em professores particulares jeitosos, *personal trainers* pedagógicos e / ou psicológicos.

AO LARGO: *Como se constituiria essa revolução psicopedagógica?*

Maria Cecília: A revolução psicopedagógica se constitui a partir de três rupturas concomitantes, a saber: uma ruptura epistemológica, uma ruptura filosófica e uma ruptura pedagógica.

A ruptura epistemológica consistiria na passagem de uma epistemologia convergente para uma epistemologia divergente. No respeito, sobretudo, das diferenças, das especificidades e das particularidades de cada teoria. No entanto, para preservar as diferenças é necessária uma mudança do objeto da Psicopedagogia. Esse deslocamento constituiria a segunda ruptura – a filosófica. O objeto da Psicopedagogia não seria mais o processo de aprendizagem, mas o ser cognoscente. Ele próprio o terreno contraditório da Psicopedagogia.

As mudanças epistemológica e filosófica engendram a ruptura pedagógica. O primeiro ponto seria a ampliação do conceito de cognição. O cognitivo não seria mais apenas identificado como o que é racional, pois a cognição encarnada incluiria o desejo, a razão e a relação. O segundo ponto seria perceber o particular dentro do universal, em

outras palavras, focar um eu cognoscente singular dentro da universalidade do ser cognoscente. O terceiro ponto seria o entendimento de que o eu cognoscente está vinculado não à aprendizagem e sim ao conhecimento. A aprendizagem é uma manifestação das estruturas originárias do conhecimento.

Podemos perceber, assim, que o que torna a Psicopedagogia revolucionária e o que mantém o frescor da sua teoria e da sua prática são as estruturas acima relacionadas na dinâmica da contradição. Há nessas contradições, talvez, um projeto profético e por isso revolucionário ainda não desvelado de uma nova arquitetura educacional. O novo se daria na mudança de um foco no ensino-aprendizagem para focar o sujeito que pensa, cria e imagina – o ser cognoscente da Psicopedagogia. Embora a questão se desloque do processo para o sujeito, não se trata de um retorno à primazia da razão sobre as outras dimensões. O desafio é refundar a Psicopedagogia, cujo objeto é o ser humano com toda a sua complexidade, sobre uma base teórica mais sólida, sob uma perspectiva alargada.

AO LARGO: Em seu livro “Psicopedagogia, A busca de uma fundamentação teórica” você propõe o sujeito dramático como o sujeito do conhecimento. Por que dramático?

Maria Cecilia: A educação é você retirar o sujeito da tragédia e trazê-lo para o drama, onde há movimento, onde há saídas para a vida e para a graça. A Arte enfeitiçaria a Educação, na medida em que a Educação se tornasse uma obra de arte, processo de criação. E a Pedagogia se transformasse numa Pedagogia da alma, do ânimo, do espírito, da psiquê. Em outras palavras, quando a Pedagogia se tornasse Psicopedagogia.